

**LITOESTRATIGRAFIA DA PORÇÃO NORTE DA ILHA NELSON - SHETLANDS DO SUL - ANTÁRTICA** — MARCOS EGÍDIO DA SILVA E JOEL BARBUJANI SÍGOLO, credenciados por A. C. ROCHA-CAMPOS — *Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.*

O presente trabalho é fruto das pesquisas realizadas na Ilha Nelson no verão de 1985-1986, junto ao Projeto 9513 da CIRM, na *IV Expedição Brasileira ao Continente Antártico*.

Esta porção da Ilha é constituída predominantemente de rochas ígneas separadas em dois conjuntos maiores: rochas piroclásticas e as resultantes da consolidação dos derrames, geralmente de composição basalto-andesítica e basalto toleítica. Associam-se ao conjunto ígneo rochas sedimentares vulcanoclásticas.

Corpos vulcânicos e subvulcânicos associam-se às variedades ígneas, onde os diques apresentam-se, em grande maioria, distribuídos radialmente às estruturas vulcânicas sugerindo filiação direta com esta, enquanto que outros seguem direções gerais de fraturas e falhas com atitudes predominantemente E-W.

O quadro tectônico local pode ser caracterizado por quatro blocos, separados por falhas de gravidade, decorrentes de uma tectônica distensiva.

As seções geológicas elaboradas nos diferentes compartimentos tectônicos permitiram definir a litoestratigrafia desta porção da Ilha Nelson, que de modo geral, caracteriza-se por um Complexo Vulcâno Sedimentar de idade paleocênica.

Este complexo apresenta duas seqüências vulcânicas distintas separadas por rochas piroclásticas e sedimentos vulcanoclásticos. A seqüência vulcânica basal constitui-se de rochas de composição basáltica-toleítica com intercalações de andesitos. Brechas autoclásticas, epiclásticas e piroclásticas separam as vulcânicas basais da seqüência superior que constitui-se também de uma seqüência vulcânica basalto-andesítico. No topo desta estruturação estratigráfica tem-se um pacote de brechas fossilíferas. — (8 de dezembro de 1989).

**MARCAS DE ARRASTO DE GELO EM SEDIMENTOS NEOPALEOZOÍCOS, BACIA DO PARANÁ, BRASIL** — J. R. CANUTO, A. C. ROCHA-CAMPOS E P. R. DOS SANTOS — *Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.*

Sulcos longos, sinuosos e subparalelos que aparecem em séries sobre planos de estratificação de ritmitos glacio-lacustres do Subgrupo Itararé (Eopermiano), aflorantes em Trombudo Central, Santa Catarina, são

interpretados como estruturas provocadas pelo deslocamento de icebergs aterrados.

Os sulcos têm largura e profundidade variáveis, respectivamente, entre 20-50 cm e até 20 cm, ao longo do comprimento máximo aflorante de 70-80 m. A despeito de seu aspecto meandrante, os sulcos são orientados consistentemente segundo N60-70W. As estruturas têm a seção em "V" ou apresentam fundos planos e exibem estrias finas paralelas; muitas são assimétricas em seção, limitadas de um lado por falhas reversas densamente espaçadas e no outro por massas empurradas de sedimento. Os sulcos são, em geral, separados por ritmitos complexamente dobrados em decorrência de empurrão lateral. Seções cortadas ao longo dos eixos dos sulcos mostram falhas reversas e dobras recumbentes indicativas de movimento para noroeste.

As estruturas são associadas a abundantes clastos "pingados" e montículos de sedimento diamictítico despejados, sugerindo o aterrramento de icebergs. Evidências sedimentológicas e paleontológicas indicam que os ritmitos foram depositados em um lago glacial de razoável tamanho e relativamente profundo, em parte, pelo menos, como varves, durante o último episódio de deglaciação da glaciação neopaleozóica. — (8 de dezembro de 1989).

**LA PARAGENESE A OR-CUIVRE-BISMUTH DE LA PEGMATITE DU ALTO DA FIGUEIRA (FREI MARTINHO - PARAÍBA)** — JACQUES P. CASSEDAINE — *Instituto de Geociências, CCMN, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Rio de Janeiro, RJ.*

O pegmatito do Alto da Figueira, perto de Frei Martinho, no Estado da Paraíba, localiza-se na Chapada da Borborema. O pegmatito, granítico e heterogêneo, é lavrado a céu aberto, por uma escavação circular, cavada na zona central, com cristais gigantes de feldspato e berilo industrial, onde várias concentrações cupríferas foram encontradas. O estudo baseia-se em um achado de algumas dezenas de quilogramas de minério, feito em Janeiro de 1988 e totalmente recolhido. O minério apresenta-se em massas escuras de silicatos cimentados por sulfetos de cobre e seus produtos de alteração. Ouro e bismuto nativos estão associados a esses sulfetos.

São descritos, com base nas seções polidas, os seguintes minerais: ouro (em grãos denticulados alongados atingindo até 6 milímetros de comprimento), bismuto, tetraedrita (variedade annivita), bornita, calcocita, djurleita, covelita, malaquita, azurita, bismutita e hidróxidos de ferro amorfos aos RX. Dados difratométricos são fornecidos para os principais minerais secundários.

Ouro, bismuto e tetraedrita envolvida pela bornita se depositaram no início da fase hidrotermal que afetou o